SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE HISTÓRIA

MESTRES GRIÔS

MEMÓRIA, TERRITÓRIO E ANCESTRALIDADE

1ª série do Ensino Médio

Área: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componente curricular: História

Museu Virtual Aquilombando Saberes

Autora: Klênia Marla dos Santos Santiago
2026

1 IDENTIFICAÇÃO

Título	Mestres Griôs: memória, território e ancestralidade
Local de aplicação	Museu Virtual Aquilombando Saberes
Público-alvo	Estudantes da 1ª série do Ensino Médio
Área do conhecimento	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componente curricular	História
Carga horária sugerida	12 aulas de 50 minutos, organizadas em 6 encontros
Produto educacional	Galeria digital de narrativas, biografias, fotografias, áudios e mapas de memória para o Museu Virtual Aquilombando Saberes
Responsáveis	Professor(a) de História, equipe pedagógica, Mestres Griôs, estudantes e representantes da comunidade

2 QUESTÃO OU PROBLEMA IDENTIFICADO/DIAGNÓSTICO DA REALIDADE

As comunidades do campo e quilombolas preservam conhecimentos históricos, culturais, ambientais, religiosos, artísticos e produtivos por meio da oralidade e da convivência entre gerações. Contudo, parte dessas memórias corre o risco de ser silenciada, fragmentada ou perdida diante das mudanças nos modos de vida, da desvalorização dos saberes populares e da predominância de narrativas históricas que nem sempre reconhecem os sujeitos locais como produtores de conhecimento.

O Museu Virtual Aquilombando Saberes constitui um espaço educativo, colaborativo e digital voltado à preservação das memórias e dos saberes de comunidades rurais e quilombolas, com destaque para a Comunidade Quilombola Lagoa Grande. A sequência didática aproxima estudantes, Mestres Griôs e comunidade por meio da Pedagogia Griô, valorizando a escuta, a oralidade, a corporeidade, a ancestralidade, a memória e o pertencimento, além de reconhecer os sujeitos locais como produtores de conhecimento e protagonistas de sua própria história.

Questão norteadora: *De que maneira as histórias, experiências e saberes dos Mestres Griôs ajudam a compreender a formação histórica, cultural e identitária da Comunidade Quilombola Lagoa Grande e de outros territórios representados no Museu Virtual Aquilombando Saberes?*

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Reconhecer, registrar e valorizar os Mestres Griôs como sujeitos históricos e guardiões da memória, articulando suas narrativas aos conteúdos de História da 1ª série do Ensino Médio e à construção de identidades, territorialidades e práticas de educação antirracista.

3.2 Objetivos específicos

- Compreender a oralidade como fonte histórica e forma legítima de produção e transmissão de conhecimentos.
- Identificar Mestres Griôs e guardiões de memória presentes nas comunidades dos estudantes.
- Relacionar memória individual, memória coletiva, território, identidade e ancestralidade.
- Analisar permanências, rupturas e transformações nos modos de vida das comunidades rurais e quilombolas.
- Desenvolver práticas de escuta respeitosa, elaboração de perguntas, registro e interpretação de narrativas.
- Problematizar o apagamento histórico de populações negras, quilombolas e camponesas e de seus saberes.
- Produzir registros escritos, sonoros, visuais e cartográficos para o Museu Virtual Aquilombando Saberes.
- Promover a devolutiva dos conhecimentos produzidos à comunidade e aos Mestres Griôs participantes.

4 JUSTIFICATIVA

A escola do campo deve dialogar com o território, com as experiências dos sujeitos e com os saberes construídos nas comunidades. Nesse sentido, a presença dos Mestres Griôs amplia as possibilidades de ensino de História, pois permite que os estudantes compreendam que a história não está apenas nos livros, arquivos oficiais ou grandes acontecimentos, mas também nas lembranças, nos ofícios, nas festas, nas práticas religiosas, no cultivo da terra, na culinária, nos modos de cuidar e nas formas de resistência.

A proposta apoia-se em uma perspectiva dialógica e colaborativa, semelhante à organização metodológica do projeto utilizado como referência, que articula diagnóstico, participação estudantil, trabalho de campo, produção coletiva, retorno à comunidade e avaliação processual. A sequência também incorpora princípios da Pedagogia Griô, entendendo o corpo, a palavra, a música, a roda, a memória e o vínculo afetivo como dimensões fundamentais do processo educativo.

Ao integrar as narrativas dos Mestres Griôs ao Museu Virtual Aquilombando Saberes, a atividade deixa uma memória educativa acessível, fortalece o protagonismo juvenil e contribui para a implementação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, bem como para uma educação comprometida com a valorização da história e da cultura afro-brasileira, africana, indígena e quilombola.

5 FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS

- **Pedagogia Griô:** valoriza a oralidade, a ancestralidade, a afetividade, a corporeidade, a musicalidade, a roda e a aprendizagem entre gerações.
- **Educação dialógica:** o conhecimento é construído com os estudantes e com a comunidade, mediante perguntas, escuta, reflexão e participação.
- **História oral:** as narrativas de vida são tratadas como fontes históricas que precisam ser contextualizadas, registradas e interpretadas criticamente.

- **Educação antirracista:** reconhece protagonismos negros, quilombolas e camponeses, problematizando apagamentos, preconceitos e hierarquizações de saberes.
- **Pesquisa colaborativa:** os sujeitos da comunidade não são apenas informantes, mas participantes na definição, validação e socialização dos registros.
- **Territorialidade:** o território é compreendido como espaço vivido, de memória, identidade, trabalho, cultura, conflito, pertencimento e resistência.

6 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

6.1 Competências gerais mobilizadas

- Valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos para compreender a realidade e colaborar com uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Exercitar a curiosidade intelectual, a investigação, a reflexão, a análise crítica e a criatividade.
- Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.
- Utilizar diferentes linguagens - oral, escrita, visual, sonora, corporal e digital - para expressar e compartilhar informações.
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, respeitando os direitos humanos e a diversidade.
- Exercitar empatia, diálogo, cooperação, respeito e valorização dos diferentes grupos sociais e culturais.
- Agir com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.

6.2 Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais em diferentes tempos e espaços.
- Analisar a formação de territórios e fronteiras, compreendendo relações de poder, pertencimento e identidade.
- Reconhecer e combater diferentes formas de desigualdade, preconceito, discriminação e violência.
- Participar do debate público de forma crítica, respeitosa e ética, valorizando diferentes saberes e experiências.

6.3 Habilidades priorizadas para a 1ª série

Código	Relação com a sequência didática
EM13CHS101	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas para compreender processos históricos, sociais e culturais.
EM13CHS102	Analisar circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais e culturais relacionadas à produção de discursos e memórias.
EM13CHS104	Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, reconhecendo saberes, valores, crenças e práticas.

Código	Relação com a sequência didática
EM13CHS201	Analisar dinâmicas territoriais, identidades, pertencimentos e relações de poder.
EM13CHS502	Analisar situações de desigualdade e preconceito, propondo ações de respeito aos direitos humanos.
EM13CHS601	Relacionar demandas sociais, políticas e culturais à construção da cidadania e à participação coletiva.

6.4 Descritores de aprendizagem

- Reconhecer diferentes tipos de fontes históricas, com destaque para fontes orais, visuais, sonoras e materiais.
- Distinguir memória individual, memória coletiva e narrativa histórica.
- Identificar mudanças e permanências nos modos de vida da comunidade.
- Relacionar práticas culturais a processos de identidade, pertencimento e resistência.
- Interpretar relatos orais considerando autoria, contexto, temporalidade e ponto de vista.
- Produzir sínteses históricas a partir de diferentes registros.
- Utilizar tecnologias digitais com ética, responsabilidade e respeito à autorização dos participantes.

7 CONTEÚDOS E CONCEITOS

- Memória, história e identidade.
- Fontes históricas e história oral.
- Ancestralidade e tradição oral.
- Território, territorialidade e pertencimento.
- Comunidades quilombolas e populações do campo.
- Patrimônio cultural material e imaterial.
- Racismo, silenciamento e apagamento histórico.
- Protagonismo comunitário e educação patrimonial.
- Ética, autorização e cuidado no registro de narrativas.

8 METODOLOGIA

A sequência será desenvolvida por meio de pesquisa dialógico-colaborativa, rodas de conversa, vivências da Pedagogia Griô, análise de fontes, trabalho de campo, entrevista narrativa, cartografia social, oficinas de produção e socialização dos resultados. O professor atuará como mediador e os estudantes serão pesquisadores do próprio território.

Antes de qualquer gravação, fotografia ou divulgação, será solicitado consentimento do participante ou responsável, explicando a finalidade educativa do registro. Os Mestres Griôs poderão revisar seus nomes, falas, imagens e informações antes da publicação. A comunidade terá direito à devolutiva do material produzido.

9 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

1. Acolhida e sensibilização

Como será realizada: Roda de abertura com música, objeto de memória ou fotografia antiga. Dinâmica: “Quem me ensinou?”. Apresentação do tema e levantamento dos conhecimentos prévios.

Participantes: Professor, estudantes e equipe pedagógica.

Local: Sala de aula organizada em círculo.

Materiais: Caixa de memória, fotografias, objetos, aparelho de som, quadro e fichas.

Tempo: 2 aulas

2. Estações dos Saberes Griôs

Como será realizada: Rotação por estações com textos curtos, imagens, áudios e objetos sobre oralidade, memória, território, patrimônio e ancestralidade. Cada grupo registra sínteses e perguntas.

Participantes: Professor e estudantes.

Local: Sala de aula ou biblioteca.

Materiais: Textos, áudios, QR codes, cartolinas, canetas, cronômetro e fichas.

Tempo: 2 aulas

3. Mapeamento dos Mestres Griôs

Como será realizada: Construção coletiva de um mapa afetivo do território. Os estudantes indicam pessoas reconhecidas por seus saberes, ofícios, histórias, cantos, rezas, práticas agrícolas, culinária ou participação comunitária.

Participantes: Estudantes, familiares e professor.

Local: Escola e comunidade.

Materiais: Mapa-base, papel kraft, post-its, canetas, celulares e fichas.

Tempo: 1 aula

4. Preparação da escuta

Como será realizada: Oficina de história oral: elaboração do roteiro, postura ética, escuta sensível, autorização de uso e formas de registro. Simulação de entrevista em duplas.

Participantes: Professor e estudantes.

Local: Sala de aula.

Materiais: Roteiro impresso, termo de autorização, gravador ou celular e caderno de campo.

Tempo: 1 aula

5. Encontro com os Mestres Griôs

Como será realizada: Roda intergeracional com acolhida, apresentação, narrativa de vida, demonstração de saberes e perguntas dos estudantes. Registro de falas, imagens e objetos, conforme autorização.

Participantes: Mestres Griôs, estudantes, professores e comunidade.

Local: Escola, associação comunitária ou residência do Mestre Griô.

Materiais: Cadeiras em círculo, água, lanche, gravador, câmera, roteiro e termos.

Tempo: 2 aulas

6. Organização e análise das narrativas

Como será realizada: Escuta dos áudios, seleção de trechos, transcrição, identificação de temas, temporalidades, mudanças, permanências e relações com os conteúdos de História.

Participantes: Professor e estudantes em grupos.

Local: Sala de aula ou laboratório.

Materiais: Computadores, fones, fichas de análise, cadernos e projetor.

Tempo: 2 aulas

7. Oficina de produção do acervo

Como será realizada: Produção de biografias curtas, cards, podcast, linha do tempo, mapa de memória, legendas e textos para a galeria digital do Museu Aquilombando Saberes.

Participantes: Estudantes, professor e equipe do museu virtual.

Local: Laboratório, biblioteca ou sala.

Materiais: Computadores, celulares, editor de texto, imagens autorizadas e materiais artísticos.

Tempo: 1 aula

8. Devolutiva e avaliação

Como será realizada: Exposição dos produtos, entrega simbólica aos Mestres Griôs, roda de avaliação e registro do que os estudantes aprenderam, sentiram e pretendem preservar.

Participantes: Comunidade escolar, Mestres Griôs, famílias e estudantes.

Local: Escola ou comunidade.

Materiais: TV, projetor, caixas de som, painéis, fichas avaliativas e certificados simbólicos.

Tempo: 1 aula

10 ROTEIRO SUGERIDO PARA A RODA COM O MESTRE GRIÔ

1. Como o(a) senhor(a) gostaria de ser apresentado(a)?
2. Onde nasceu e como foi sua infância?
3. Quem foram seus primeiros mestres e mestras?
4. Quais saberes aprendeu com sua família e sua comunidade?
5. Que histórias, festas, cantos, ofícios ou práticas marcaram sua vida?
6. Como era a comunidade antigamente? O que mudou e o que permaneceu?
7. Quais dificuldades a comunidade enfrentou e como se organizou?
8. Que relação existe entre seus saberes, a terra, a natureza e o território?
9. Quais preconceitos, silenciamentos ou injustiças o(a) senhor(a) percebeu ao longo da vida?
10. O que deseja ensinar ou aconselhar aos jovens?
11. Que memória o(a) senhor(a) considera mais importante preservar?
12. Há algum objeto, fotografia, canto, receita, técnica ou lugar que gostaria de apresentar?

11 ORIENTAÇÕES ÉTICAS

- Explicar a finalidade educativa da atividade e solicitar autorização antes de gravar ou fotografar.

- Respeitar o direito de não responder, interromper a participação ou retirar determinado conteúdo.
- Não modificar o sentido das falas nem expor informações íntimas ou constrangedoras.
- Compartilhar com o participante a versão final do registro antes da publicação.
- Identificar corretamente a autoria dos saberes e reconhecer a contribuição dos Mestres Griôs.
- Evitar tratar os saberes comunitários como curiosidades folclóricas; apresentá-los como conhecimentos vivos.
- Guardar os arquivos com segurança e utilizar apenas os materiais autorizados.

12 CRONOGRAMA

Atividades	Encontro 1	Encontro 2	Encontro 3	Encontro 4	Encontro 5	Encontro 6
Acolhida e diagnóstico	X					
Estações dos Saberes Griôs	X	X				
Mapeamento e preparação da escuta		X				
Encontro com Mestre Griô			X			
Análise das narrativas				X		
Produção do acervo				X	X	
Devolutiva e avaliação						X

13 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DA PROPOSTA

A avaliação será diagnóstica, formativa, processual e participativa. No início, serão levantados os conhecimentos prévios sobre memória, fontes históricas, comunidade e Mestres Griôs. Durante as atividades, serão observados o envolvimento, a qualidade da escuta, a capacidade de elaborar perguntas, o respeito aos participantes, a análise das fontes e a colaboração nos grupos.

Ao final, os estudantes produzirão uma autoavaliação e participarão de uma roda de conversa. Também serão considerados os comentários dos Mestres Griôs e da comunidade sobre a fidelidade, o respeito e a relevância dos registros produzidos.

Critério	Evidências esperadas	Instrumentos
Compreensão histórica	Reconhece a oralidade como fonte e relaciona memória, território, identidade e temporalidade.	Debates, fichas de análise e produção escrita.

Critério	Evidências esperadas	Instrumentos
Participação e escuta	Escuta com respeito, formula perguntas pertinentes e valoriza os saberes do outro.	Observação, caderno de campo e roda de avaliação.
Análise crítica	Identifica mudanças, permanências, conflitos, silenciamentos e pontos de vista.	Sínteses, mapas, linha do tempo e discussão.
Produção do acervo	Organiza informações com clareza, autoria, ética e coerência histórica.	Biografia, podcast, card, mapa ou exposição.
Trabalho coletivo	Cumpre responsabilidades, coopera e contribui para a devolutiva comunitária.	Autoavaliação, avaliação entre pares e produto final.

14 PRODUTO EDUCACIONAL E INTEGRAÇÃO AO MUSEU VIRTUAL

Os registros produzidos formarão uma seção educativa intitulada “Mestres Griôs: vozes da memória” no Museu Virtual Aquilombando Saberes. Cada entrada poderá conter nome autorizado, fotografia, minibiografia, trecho de áudio, saber destacado, localização aproximada no território, palavras-chave e créditos dos estudantes responsáveis.

O produto deve ser acessível, com linguagem clara, legendas em áudios e vídeos, descrição das imagens e identificação das fontes. A comunidade participará da validação antes da publicação.

15 RESULTADOS ESPERADOS

- Maior reconhecimento dos Mestres Griôs como sujeitos históricos e educadores comunitários.
- Fortalecimento do pertencimento dos estudantes às comunidades do campo e quilombolas.
- Desenvolvimento da capacidade de trabalhar com fontes orais e diferentes linguagens.
- Ampliação do repertório sobre história e cultura afro-brasileira, quilombola e camponesa.
- Produção de acervo educativo validado e devolvido à comunidade.
- Integração entre escola, famílias, associações, Mestres Griôs e Museu Virtual Aquilombando Saberes.
- Contribuição para práticas curriculares antirracistas, decoloniais e territorializadas.

16 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e inclui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia.

DOCUMENTO-MODELO. Slow Food e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): valorizando a cultura alimentar de comunidades tradicionais e quilombolas. PROFCIAMB/UEFS, 2024.

MUSEU VIRTUAL AQUILOMBANDO SABERES

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

PLANTAS MEDICINAIS, SABERES GRIÔS E BIODIVERSIDADE

Conhecimentos tradicionais, investigação científica e cuidado responsável

Autoria: Klenia Marla dos Santos Santiago

1ª série do Ensino Médio

Feira de Santana - BA

2026

1 IDENTIFICAÇÃO

Título	Plantas medicinais, saberes griôs e biodiversidade
Local de aplicação	Museu Virtual Aquilombando Saberes
Público-alvo	Estudantes da 1ª série do Ensino Médio
Área	Ciências da Natureza e suas Tecnologias
Componentes articulados	Biologia, Química, História e Educação Ambiental
Carga horária sugerida	12 aulas de 50 minutos, organizadas em 6 encontros
Tema gerador	Espécies medicinais preservadas por Silvéria de Almeida e outros guardiões de saberes da comunidade
Produto educacional	Catálogo científico-cultural e galeria digital para o Museu Virtual Aquilombando Saberes

2 QUESTÃO OU PROBLEMA IDENTIFICADO/DIAGNÓSTICO DA REALIDADE

Nas comunidades do campo e quilombolas, o uso de plantas medicinais constitui um patrimônio de conhecimentos transmitidos entre gerações. Esses saberes envolvem formas de cultivo, coleta, preparo, conservação e uso, além de relações de cuidado, solidariedade, ancestralidade e memória coletiva. Entretanto, parte desse conhecimento corre o risco de desaparecer com o envelhecimento dos guardiões da tradição, a redução dos quintais produtivos, as mudanças ambientais e a desvalorização dos saberes populares.

As imagens que orientam esta proposta registram espécies preservadas por Silvéria de Almeida, incluindo alecrim-do-reino, benzetacil, brilhantina, alecrim-do-mato, manjericão, aranto, babosa, alfavaca, dente-de-leão ou serralha, Maria Baleeira/Folha Santa/Maria Preta, canela, cordão-de-São-Francisco ou coroa-de-frade, tioió-canela, gerebão, gengibre, algodão-de-praia e arnica de flores amarelas.

A questão norteadora será: como os saberes tradicionais sobre plantas medicinais podem dialogar com os conhecimentos científicos de Biologia e Química, contribuindo para a preservação da biodiversidade e para práticas de cuidado seguras, éticas e responsáveis?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar e valorizar os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais presentes na comunidade, relacionando-os à biodiversidade, à classificação biológica, aos princípios ativos, à sustentabilidade e ao uso responsável, por meio de uma abordagem dialógica, investigativa e interdisciplinar.

3.2 Objetivos específicos

- Reconhecer as plantas medicinais como parte do patrimônio cultural, ambiental e científico da comunidade.
- Identificar espécies presentes nos quintais e registrar seus nomes populares, características e formas de cultivo.
- Compreender a diferença entre nome popular e identificação botânica científica.
- Relacionar estruturas vegetais, metabolismo secundário e produção de substâncias bioativas.
- Discutir fatores que influenciam a concentração de compostos nas plantas, como parte utilizada, época de coleta e armazenamento.
- Investigar riscos associados à automedicação, dosagem inadequada, interações e identificação incorreta.
- Desenvolver procedimentos de observação, registro, comparação, formulação de hipóteses e comunicação científica.
- Produzir um catálogo científico-cultural validado pelos guardiões de saberes e pela escola.
- Promover a conservação das espécies, dos quintais e dos conhecimentos tradicionais.

4 JUSTIFICATIVA

O estudo das plantas medicinais possibilita aproximar o currículo de Ciências da Natureza da realidade dos estudantes. Ao observar espécies cultivadas em quintais, ouvir guardiões de memória e analisar informações científicas, os jovens percebem que o conhecimento se constrói por diferentes caminhos e que o diálogo entre saberes tradicionais e ciência deve ocorrer com respeito, criticidade e responsabilidade.

A proposta valoriza a Pedagogia Griô, a oralidade, a escuta e a aprendizagem intergeracional, ao mesmo tempo em que desenvolve alfabetização científica. O estudante será incentivado a formular perguntas, registrar dados, comparar fontes, reconhecer limites de evidências e comunicar resultados sem transformar saberes tradicionais em prescrições médicas.

A sequência também contribui para a Educação Ambiental, pois relaciona saúde, biodiversidade, conservação dos quintais, uso sustentável das espécies e direito das comunidades ao reconhecimento de seus saberes. A produção do catálogo para o Museu Virtual Aquilombando Saberes fortalece a devolutiva comunitária e a preservação da memória.

5 FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS E CIENTÍFICOS

Pedagogia Griô: A aprendizagem ocorre por meio da roda, da escuta, da narrativa, da demonstração prática e do vínculo entre gerações.

Investigação científica: Os estudantes observam, questionam, formulam hipóteses, registram evidências, comparam fontes e comunicam conclusões.

Etnobotânica: Estuda as relações entre grupos humanos e plantas, considerando usos, nomes, práticas, sentidos culturais e formas de manejo.

Botânica: Aborda morfologia, classificação, reprodução, adaptações, diversidade e relações ecológicas das plantas.

Química dos produtos naturais: Analisa, de modo introdutório, substâncias produzidas pelas plantas, como óleos essenciais, flavonoides, alcaloides e taninos.

Educação em saúde: Estimula decisões responsáveis, diferenciando conhecimento tradicional, evidência científica e orientação profissional.

Educação ambiental: Promove conservação da biodiversidade, cultivo responsável, respeito aos ciclos naturais e valorização dos quintais tradicionais.

6 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

6.1 Competências gerais mobilizadas

- Valorizar conhecimentos historicamente construídos e utilizá-los para compreender a realidade.
- Exercitar curiosidade intelectual, investigação, análise crítica e criatividade.
- Utilizar diferentes linguagens para registrar e comunicar informações.
- Argumentar com base em dados, fatos e fontes confiáveis.
- Valorizar a diversidade de saberes, culturas e experiências.
- Agir com responsabilidade, autonomia, cooperação e respeito à vida e ao ambiente.

6.2 Competências específicas de Ciências da Natureza

- Analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos com base nas relações entre matéria, energia e vida.
- Interpretar a dinâmica da vida, da Terra e do cosmos para elaborar argumentos e tomar decisões responsáveis.
- Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico, comunicando resultados a diferentes públicos.

6.3 Habilidades priorizadas

Código	Relação com a sequência
EM13CNT202	Analisar manifestações da vida e condições ambientais, relacionando organização, funcionamento e diversidade dos seres vivos.
EM13CNT203	Avaliar intervenções em ecossistemas e seus efeitos sobre a biodiversidade e a qualidade de vida.
EM13CNT206	Discutir a preservação da biodiversidade e a sustentabilidade a partir de diferentes formas de conhecimento.
EM13CNT301	Construir questões, hipóteses e procedimentos de investigação,

	selecionando instrumentos e formas de registro.
EM13CNT302	Comunicar resultados de análises, pesquisas e experimentos em diferentes linguagens e mídias.
EM13CNT303	Interpretar textos de divulgação científica e avaliar consistência de argumentos e evidências.
EM13CNT304	Analisar controvérsias científicas e sociais relacionadas à saúde, ao ambiente e ao uso de tecnologias.
EM13CNT306	Avaliar riscos presentes em atividades cotidianas e aplicar conhecimentos científicos para proteção da saúde e do ambiente.

6.4 Descritores de aprendizagem

- Observar e descrever características morfológicas de espécies vegetais.
- Classificar registros segundo parte utilizada, hábito da planta e forma de cultivo.
- Diferenciar nomes populares de nomes científicos e reconhecer riscos de confusão entre espécies.
- Relacionar estruturas vegetais e produção de substâncias de defesa e interação ecológica.
- Interpretar tabelas, fotografias, relatos orais e textos científicos.
- Comparar conhecimentos tradicionais e científicos sem hierarquizá-los de forma simplista.
- Reconhecer que o uso medicinal exige identificação correta, cuidado, orientação e avaliação de riscos.
- Propor ações de conservação de espécies e valorização de guardiões de saberes.

7 CONTEÚDOS E CONCEITOS

- Biodiversidade e conservação.
- Morfologia e classificação das plantas.
- Nome popular, nomenclatura científica e identificação botânica.
- Etnobotânica e conhecimentos tradicionais.
- Metabolismo secundário e substâncias bioativas.
- Relações entre planta, solo, água, luz e clima.
- Cultivo, propagação e manejo sustentável.
- Uso responsável, toxicidade, interações e automedicação.
- Método científico, fontes de evidência e comunicação da ciência.
- Patrimônio cultural, memória e ancestralidade.

8 ESPÉCIES REGISTRADAS NO ACERVO DE REFERÊNCIA

Nome popular registrado	O que observar	Cuidados na pesquisa
Alecrim-do-reino	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Benzetacil	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Brilhantina	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Alecrim-do-mato ou alecrim-do-campo	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas

	comunidade.	informações autorizadas.
Manjericão	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Aranto	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Babosa	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Alfavaca	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Dente-de-leão ou serralha	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Maria Baleeira, Folha Santa ou Maria Preta	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Canela	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Cordão-de-São-Francisco ou coroa-de-frade	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Tioió-canela	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Gerebão	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Gengibre	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Algodão-de-praia (menor)	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.
Arnica de flores amarelas	Folhas, caule, porte, odor, local de cultivo, modo de propagação e parte mencionada pela comunidade.	Não indicar uso terapêutico sem identificação botânica e fonte segura; registrar apenas informações autorizadas.

9 REGISTRO VISUAL DE REFERÊNCIA

As páginas a seguir apresentam os registros fotográficos utilizados como fonte inicial de observação. As imagens não substituem a identificação botânica realizada por especialista.

Quadro 1 - Espécies medicinais preservadas por Silveria de Almeida

(continua)

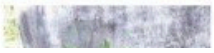
Foto da espécie	Nome da espécie	Foto da espécie	Nome da espécie
	Alecrim do reino		Benzetacil
	Brilhantina		Alecrim do mato ou Alecrim do campo
	Manjericão		Aranto
	Babosa		Alfavaca
			

Figura 2 - Continuação do registro de espécies medicinais preservadas por Silvéria de Almeida.

73

71

Quadro 1 - Espécies medicinais preservadas por Silveria de Almeida

(continuação)

Foto da espécie	Nome da espécie	Foto da espécie	Nome da espécie
	Canela		Cordão de São Francisco ou Coroa de frade
	Tioiô canela		Gerebão
	Gengibre		Algodão de praia (menor) Arnica (flores amarelas)

Fonte: elaboração própria (2022).

Figura 2 - Continuação do registro de espécies medicinais preservadas por Silvéria de Almeida.

10 METODOLOGIA

A sequência utilizará pesquisa dialógico-colaborativa, Pedagogia Griô, investigação científica, observação de campo, análise de fotografias, elaboração de herbário fotográfico, cartografia dos quintais, consulta a fontes científicas e produção de materiais de divulgação. Os estudantes atuarão como pesquisadores do território.

A atividade não terá finalidade de prescrever tratamentos. Os relatos de uso serão registrados como conhecimento tradicional, sempre identificados como tal. Toda informação sobre segurança, contraindicações ou efeitos será confrontada com fontes científicas e com a orientação de profissionais habilitados.

11 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Etapa/O quê?	Como?	Quem?	Onde?	Materiais	Tempo
1. Acolhida e diagnóstico	Roda de conversa com folhas, cheiros e fotografias. Dinâmica 'Planta que mora na minha memória'. Levantamento dos conhecimentos prévios e das espécies conhecidas.	Professor, estudantes e equipe pedagógica.	Sala em círculo.	Imagens, folhas não tóxicas previamente selecionadas, caixa de memória, quadro e fichas.	2 aulas
2. Estações de investigação	Rotação por estações: morfologia vegetal; nomes populares; biodiversidade; princípios ativos; riscos e uso responsável; memória e ancestralidade.	Professor e estudantes.	Sala ou laboratório.	Lupas, textos, QR codes, fichas, cronômetro, fotografias e cartazes.	2 aulas
3. Mapeamento dos quintais e guardiões	Construção de mapa afetivo indicando quintais, espécies e pessoas reconhecidas por cuidar, cultivar ou ensinar sobre plantas.	Estudantes, familiares e professor.	Escola e comunidade.	Mapa-base, papel kraft, post-its, celulares e caderno de campo.	1 aula
4. Preparação da visita e entrevista	Elaboração do roteiro, estudo de ética, autorização, cuidados de segurança, simulação de entrevista e definição dos grupos de registro.	Professor e estudantes.	Sala de aula.	Roteiro, termos, gravador/celular, pranchetas e fichas.	1 aula
5. Encontro com guardiã ou Mestre Griô	Visita ao quintal ou roda na escola. Narrativa de vida, demonstração de	Guardiã/Mestre Griô, estudantes, professores e comunidade.	Quintal, associação ou escola.	Câmera, gravador, roteiro, etiquetas, luvas de jardinagem e água.	2 aulas

	cultivo, identificação popular e cuidados de conservação. Registros autorizados.				
6. Laboratório de Ciências	Observação de folhas e caules, comparação morfológica, desenho científico, registro de odor sem ingestão, pesquisa sobre grupos de substâncias e montagem de fichas.	Professor e estudantes.	Laboratório ou sala.	Lupas, bandejas, papel, régua, microscópio se houver, livros e computador.	2 aulas
7. Produção do catálogo	Criação de ficha por espécie: nome popular, imagem, descrição, local de cultivo, narrativa do guardião, alerta de segurança e referências consultadas.	Estudantes, professor e equipe do museu.	Laboratório de informática.	Computadores, editor, imagens autorizadas, áudios e modelos de ficha.	1 aula
8. Feira dos Saberes e avaliação	Exposição do catálogo, roda de devolutiva, apresentação para a comunidade e avaliação coletiva do processo.	Comunidade escolar, famílias, guardiões e estudantes.	Escola ou associação.	Painéis, projetor, caixas de som, fichas avaliativas e mudas não ameaçadas.	1 aula

12 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GUARDIÃ OU MESTRE GRIÔ

1. Como aprendeu a cuidar e utilizar plantas?
2. Quem foram seus mestres e mestras nesse conhecimento?
3. Quais plantas considera mais importantes no quintal e por quê?
4. Como reconhece cada espécie e evita confusões?
5. Qual parte da planta costuma ser mencionada nos ensinamentos: folha, raiz, caule, flor, fruto ou semente?
6. Como as plantas são cultivadas, colhidas e conservadas?
7. Quais cuidados e proibições foram ensinados pelos mais velhos?
8. Quais espécies estão ficando difíceis de encontrar?
9. Que mudanças percebeu no ambiente, no clima e nos quintais?
10. Como esse conhecimento fortalece a comunidade?
11. O que os jovens precisam aprender para preservar as plantas e os saberes?
12. O que autoriza registrar e publicar no catálogo?

13 FICHA DE INVESTIGAÇÃO POR ESPÉCIE

Nome popular	
Nome científico, se confirmado por fonte especializada	
Local de observação	
Pessoa que apresentou a espécie	
Características morfológicas	
Parte mencionada no saber tradicional	

Forma de cultivo e propagação	
Importância cultural e comunitária	
Riscos, contraindicações ou dúvidas encontradas nas fontes	
Referências científicas consultadas	
Autorização para uso de imagem e relato	Sim ( ) Não ( )

14 ORIENTAÇÕES DE SEGURANÇA

- Não ingerir, preparar chás, aplicar substâncias na pele ou testar plantas durante a atividade.
- Não identificar uma espécie apenas pelo nome popular ou por fotografia.
- Evitar contato com seiva, látex ou partes desconhecidas; utilizar luvas quando necessário.
- Não coletar espécies raras, ameaçadas ou sem autorização do proprietário do local.
- Registrar usos tradicionais sem transformá-los em recomendação terapêutica.
- Consultar fontes científicas e profissionais de saúde para discutir riscos, toxicidade e interações.
- Manter crianças, gestantes, idosos, pessoas com doenças crônicas e usuários de medicamentos como grupos que exigem atenção especial.
- Em caso de exposição ou reação, procurar atendimento de saúde e informar a planta envolvida.

15 CRONOGRAMA

Atividades	Encontro 1	Encontro 2	Encontro 3	Encontro 4	Encontro 5	Encontro 6
Acolhida e diagnóstico	X					
Estações de investigação	X	X				
Mapeamento e preparação		X				
Encontro com guardiã/Mestre Griô			X			
Laboratório e análise				X		
Produção do catálogo				X	X	
Feira, devolutiva e avaliação						X

16 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DA PROPOSTA

A avaliação será diagnóstica, formativa e processual. Serão considerados os conhecimentos prévios, a qualidade das perguntas, a observação científica, o respeito aos saberes tradicionais, o uso responsável das fontes, a participação nas atividades e a clareza na comunicação dos resultados.

Critério	Evidências esperadas	Instrumentos
Compreensão científica	Relaciona morfologia, biodiversidade, substâncias vegetais, ambiente e saúde.	Fichas, desenhos, debates e textos.
Investigação	Formula perguntas, registra observações e compara informações.	Caderno de campo, roteiro e ficha por espécie.
Postura ética	Respeita autorizações, autoria comunitária e limites do conhecimento.	Observação, termos e devolutiva.
Análise crítica	Distingue relato tradicional, hipótese, evidência científica e prescrição.	Debates, sínteses e catálogo.

Comunicação	Apresenta informações com clareza, referências, alertas e linguagem adequada.	Catálogo, exposição, áudio ou vídeo.
Trabalho coletivo	Coopera, cumpre responsabilidades e acolhe diferentes conhecimentos.	Autoavaliação e avaliação entre pares.

17 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto final será o Catálogo Científico-Cultural de Plantas Medicinais da Comunidade, com versão impressa e digital. Cada ficha apresentará imagem autorizada, nome popular, identificação científica quando confirmada, características observáveis, local de cultivo, relato do guardião, importância cultural, ações de conservação, alerta de segurança e referências consultadas.

Uma seleção das fichas poderá integrar o Museu Virtual Aquilombando Saberes em uma galeria denominada “Quintais de Cura, Memória e Biodiversidade”. A publicação dependerá da validação da comunidade e não apresentará dosagens, prescrições ou promessas de cura.

18 RESULTADOS ESPERADOS

- Reconhecimento dos guardiões de saberes como educadores e sujeitos produtores de conhecimento.
- Ampliação do interesse dos estudantes por Botânica, Química, saúde e Educação Ambiental.
- Desenvolvimento de alfabetização científica e capacidade de avaliar fontes.
- Maior consciência sobre riscos de identificação incorreta e automedicação.
- Registro e valorização das espécies presentes nos quintais comunitários.
- Fortalecimento de ações de conservação da biodiversidade e transmissão intergeracional.
- Produção de material educativo acessível, ético e validado pela comunidade.

19 REFERÊNCIAS BÁSICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Orientações sobre uso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África I. Brasília: UNESCO.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Estratégias e orientações para o uso seguro de medicamentos tradicionais e fitoterápicos.

PINHEIRO, Sandra Cristina Queiroz. Entre saberes e fazeres: memórias e experiências de mulheres quilombolas de Lagoa Grande - Feira de Santana - BA (1970-2000). 2024. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2024.

DOCUMENTO-MODELO. Slow Food e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: valorizando a cultura alimentar da Comunidade de Maria Quitéria. PROFCIAMB/UEFS, 2024.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

LÍNGUA PORTUGUESA

VOZES DO QUILOMBO:
MEMÓRIA, ORALIDADE E NARRATIVAS DE VIDA

1ª série do Ensino Médio

Área: Linguagens e suas Tecnologias

Componente curricular: Língua Portuguesa

Museu Virtual Aquilombando Saberes

Autoria: Klênia Marla dos Santos Santiago

2026

1 IDENTIFICAÇÃO

Item	Descrição
Título	Vozes do Quilombo: memória, oralidade e narrativas de vida
Local de aplicação	Museu Virtual Aquilombando Saberes / escola parceira e comunidade
Público-alvo	Estudantes da 1ª série do Ensino Médio
Área do conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	Língua Portuguesa
Carga horária sugerida	12 aulas de 50 minutos, organizadas em 6 encontros
Tema gerador	Narrativas orais, memórias, experiências e saberes da Comunidade Quilombola Lagoa Grande
Produto educacional	Galeria digital de perfis biográficos, relatos de memória, podcasts, fotografias legendadas e textos autorais para o Museu Virtual Aquilombando Saberes
Responsáveis	Professor(a) de Língua Portuguesa, equipe pedagógica, estudantes, Mestres Griôs e representantes da comunidade

2 QUESTÃO OU PROBLEMA IDENTIFICADO/DIAGNÓSTICO DA REALIDADE

As memórias e os saberes de comunidades quilombolas são transmitidos, em grande medida, pela oralidade, pelas conversas entre gerações, pelas narrativas de vida, pelas cantigas, pelas prosas e pelas experiências partilhadas no território. A dissertação de Sandra Cristina Queiroz Pinheiro evidencia a centralidade das fontes orais para compreender as experiências históricas das mulheres quilombolas de Lagoa Grande e registra práticas culturais como a bata do feijão, marcada por ritmos, cantigas, prosas e formas comunitárias de interação.

No ensino de Língua Portuguesa, esses registros podem ser trabalhados como práticas reais de linguagem, possibilitando o desenvolvimento da escuta, da oralidade, da leitura, da produção textual, da análise de discursos e da autoria. A sequência propõe que os estudantes reconheçam as narrativas locais como textos socialmente situados e produzam materiais com responsabilidade ética e respeito à autoria comunitária.

Questão norteadora: como as vozes, memórias e narrativas de vida da Comunidade Quilombola Lagoa Grande podem contribuir para o desenvolvimento da leitura, da oralidade, da escrita e da autoria dos estudantes, ao mesmo tempo em que fortalecem a identidade, o pertencimento e a preservação da memória coletiva?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Desenvolver práticas de linguagem oral, escrita e multissemiótica a partir de narrativas, memórias e saberes da Comunidade Quilombola Lagoa Grande, valorizando a oralidade, a autoria, a escuta ética, a identidade e o pertencimento.

3.2 Objetivos específicos

- Reconhecer a oralidade como forma legítima de produção, transmissão e preservação de conhecimentos.
- Escutar, registrar e interpretar narrativas de memória e histórias de vida, respeitando os contextos de produção.
- Identificar características de gêneros como relato de memória, perfil biográfico, entrevista, podcast e legenda informativa.
- Planejar perguntas abertas e realizar entrevistas com escuta ativa e postura ética.
- Distinguir fala espontânea, transcrição, retextualização e edição, compreendendo as escolhas envolvidas em cada processo.
- Analisar marcas de autoria, ponto de vista, temporalidade, identidade e pertencimento em narrativas orais e escritas.
- Produzir textos coesos e coerentes, adequados ao gênero, ao público e à finalidade comunicativa.
- Utilizar recursos digitais para editar áudios, textos, imagens e outros registros autorizados.
- Valorizar o protagonismo das mulheres quilombolas e dos Mestres Griôs como produtores de conhecimento.
- Produzir materiais para o Museu Virtual Aquilombando Saberes com critérios de autoria, consentimento e devolutiva comunitária.

4 JUSTIFICATIVA

A Língua Portuguesa se realiza em práticas sociais concretas. Trabalhar com narrativas da comunidade aproxima o currículo da experiência dos estudantes e amplia a compreensão de que ler, escrever, falar e escutar são ações situadas historicamente. A pesquisa de Pinheiro (2024) utiliza depoimentos orais como fonte principal e mostra que as narrativas das/os moradoras/es permitem compor tramas históricas significativas do quilombo.

A proposta também dialoga com o Museu Virtual Aquilombando Saberes, concebido como território digital de memória, capaz de organizar e difundir textos, imagens, áudios e vídeos autorizados. A produção estudantil, portanto, ganha destinação social concreta: não se limita à sala de aula, mas pode integrar um acervo educativo, desde que validada e respeitada a autoria comunitária.

Do ponto de vista formativo, a sequência favorece educação antirracista, letramento crítico, valorização da diversidade linguística, reconhecimento das oralidades e fortalecimento da autoria juvenil.

5 FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS E LINGUÍSTICOS

Oralidade e escuta: A fala e a escuta são tomadas como práticas de linguagem que produzem memória, identidade e conhecimento.

História oral e narrativas de vida: Os depoimentos são compreendidos como narrativas situadas, atravessadas por experiências, temporalidades e pontos de vista.

Retextualização: Os estudantes analisam a passagem da fala para a escrita e os efeitos de escolhas de edição, pontuação, paragrafação e seleção de trechos.

Gêneros discursivos: Entrevista, relato de memória, perfil biográfico, podcast e legenda são estudados em suas finalidades, estruturas e contextos de circulação.

Letramento crítico: Os textos são analisados em relação à autoria, representação, silenciamento, protagonismo e relações de poder.

Multiletramentos: A sequência articula texto verbal, voz, imagem, fotografia, áudio e publicação digital.

Educação antirracista: As narrativas quilombolas são trabalhadas como patrimônio vivo e produção de conhecimento, evitando folclorização e exotização.

6 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

6.1 Competências gerais mobilizadas

- Valorizar conhecimentos historicamente construídos e diferentes formas de produção cultural.
- Utilizar diferentes linguagens para expressar e partilhar informações, experiências e ideias.
- Argumentar com base em fontes, respeitando direitos humanos, diversidade e responsabilidade ética.
- Exercitar empatia, diálogo, cooperação e respeito às diferenças.
- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética.

6.2 Habilidades de Língua Portuguesa priorizadas

- Analisar condições de produção, circulação e recepção de textos orais, escritos e multissemióticos.
- Planejar e realizar práticas de oralidade adequadas a diferentes contextos, com escuta ativa e respeito aos turnos de fala.
- Produzir entrevistas e relatos, selecionando informações relevantes e preservando o sentido das falas.
- Retextualizar falas para a escrita, reconhecendo diferenças entre oralidade e escrita sem desqualificar variedades linguísticas.
- Analisar efeitos de sentido produzidos por escolhas lexicais, marcas de pessoa, temporalidade, modalização e organização narrativa.
- Produzir, revisar e editar textos considerando coesão, coerência, progressão temática, adequação linguística e finalidade.
- Integrar linguagem verbal, sonora e visual em podcasts, galerias digitais e outros gêneros multimodais.
- Avaliar fontes, créditos, direitos de uso, autorização e responsabilidade na publicação de conteúdos.

6.3 Descritores de aprendizagem

- Identificar tema, finalidade, interlocutores e contexto de uma narrativa oral.
- Reconhecer fatos, memórias, opiniões, avaliações e marcas de subjetividade em depoimentos.

- Organizar cronologicamente acontecimentos relatados.
- Elaborar perguntas abertas, claras e não indutivas.
- Transcrever trechos de fala com fidelidade ao conteúdo.
- Retextualizar sem apagar a voz, o sentido e a autoria do participante.
- Produzir perfil biográfico com título, apresentação, trajetória, acontecimentos relevantes e fechamento.
- Criar roteiro e gravação de podcast com abertura, desenvolvimento, créditos e encerramento.
- Revisar textos quanto à clareza, coesão, pontuação e adequação ao gênero.
- Registrar corretamente autoria, fonte, data e autorização de uso.

7 CONTEÚDOS E CONCEITOS

- Oralidade, escuta e turnos de fala.
- Memória, narrativa, experiência e identidade.
- Relato de memória e história de vida.
- Entrevista: preparação, perguntas, escuta e registro.
- Transcrição e retextualização.
- Perfil biográfico e biografia curta.
- Coesão, coerência, progressão temática e referenciação.
- Discurso direto e indireto.
- Marcas de temporalidade e ponto de vista.
- Variação linguística e respeito às variedades de fala.
- Podcast, fotografia legendada e publicação digital.
- Autoria, consentimento, direitos de imagem e ética de publicação.

8 CORPUS E REGISTROS DE REFERÊNCIA

O corpus inicial pode ser formado por trechos autorizados de estudos e registros já disponíveis sobre a Comunidade Quilombola Lagoa Grande. A dissertação de Pinheiro (2024) destaca o uso de fontes orais, visuais e escritas, além de memórias relacionadas ao trabalho comunitário, ao protagonismo feminino, à Farmácia Viva e Seca e à trajetória de Dona Maria Cruz dos Santos. Também registra práticas culturais como a bata do feijão, com cantigas, prosas e interação comunitária.

Registro	**Possibilidades de trabalho em Língua Portuguesa**
Narrativas de mulheres quilombolas	Memória, protagonismo, experiências e saberes/fazeres.
Bata do feijão	Cantigas, ritmos, prosas, vocabulário e sociabilidade comunitária.
Histórias de vida	Trajetórias, temporalidade, espaços, vínculos familiares e comunitários.
Entrevistas e depoimentos	Escuta, perguntas, oralidade, transcrição e retextualização.
Fotografias e documentos	Leitura multissemiótica, legenda, contextualização e autoria.
Materiais do Museu Virtual	Curadoria, edição, créditos, acessibilidade e circulação pública.

9 METODOLOGIA

A sequência utiliza abordagem dialógica, leitura e análise de fontes, oficinas de oralidade, produção textual, retextualização, aprendizagem colaborativa e curadoria digital. Os estudantes atuarão como leitores, ouvintes, entrevistadores, autores, revisores e curadores de registros do território.

Quando houver participação de membros da comunidade, deverão ser observados consentimento, autorização de gravação e publicação, direito de revisão do material e possibilidade de retirada. A fala de participantes não deve ser corrigida para produzir uma falsa 'norma padrão'; a edição deve preservar sentido, identidade e autoria.

10 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Etapa/O quê?	Como?	Quem?	Onde?	Materiais	Tempo
1. Acolhida e escuta de memórias	Roda de conversa: 'Uma história que vive na minha família/comunidade'. Leitura de pequenos excertos e observação de fotografias.	Professor e estudantes	Sala em círculo	Textos, imagens, quadro, fichas	2 aulas
2. Oficina de gêneros da memória	Comparação entre entrevista, relato de memória, perfil biográfico e podcast. Identificação de estrutura, finalidade e marcas linguísticas.	Professor e estudantes	Sala de aula	Textos-modelo, áudio, projetor	2 aulas
3. Laboratório de perguntas e escuta	Elaboração de perguntas abertas; simulação de entrevista; discussão sobre respeito, consentimento e escuta ativa.	Professor e estudantes	Sala de aula	Roteiros, gravador/celular, fichas	1 aula
4. Encontro com voz da comunidade	Entrevista, roda de conversa ou uso de registro autorizado. Estudantes anotam palavras-chave, temporalidades e temas recorrentes.	Convidado(a), professor e estudantes	Escola/ comunidade/ online	Roteiro, gravador, caderno de campo	2 aulas
5. Transcrição e retextualização	Seleção de trecho, transcrição fiel, comparação fala/escrita e produção de versão retextualizada preservando autoria e sentido.	Professor e estudantes	Sala/laboratório	Computadores, fones, editor de texto	2 aulas
6. Produção autoral	Criação de perfil biográfico, relato de memória ou roteiro de podcast.	Estudantes	Sala/laboratório	Modelos, rubrica, editor	2 aulas

Etapa/O quê?	Como?	Quem?	Onde?	Materiais	Tempo
	Revisão em pares.				
7. Curadoria e publicação	Seleção de materiais, escrita de legendas e créditos, checagem de autorização, revisão final e organização para o Museu Virtual.	Estudantes, professor e equipe do museu	Laboratório	Computadores, plataforma, termos	1 aula

11 ROTEIRO DE ENTREVISTA / CONVERSA DE MEMÓRIA

1. Como a senhora/o senhor gostaria de se apresentar?

2. Quais lembranças da infância ou juventude considera importantes para contar aos jovens?

3. Quem foram as pessoas que mais lhe ensinaram sobre a vida na comunidade?

4. Quais trabalhos, festas, cantigas, encontros ou costumes marcaram sua trajetória?

5. Há palavras, expressões ou modos de falar que considera próprios ou importantes na comunidade?

6. Que histórias sobre Lagoa Grande não podem ser esquecidas?

7. Como os saberes eram ensinados entre as gerações?

8. Que mudanças percebeu na comunidade ao longo do tempo?

9. Que papel as mulheres tiveram na organização, no cuidado e na vida comunitária?

10. O que gostaria que os estudantes aprendessem e registrassem para o futuro?

11. Que parte desta conversa autoriza registrar, editar e publicar?

12. Como gostaria de ser identificado(a) nos créditos do material?

12 FICHA DE ANÁLISE DA NARRATIVA

Título provisório	
Nome/identificação do narrador, conforme autorização	
Data e contexto do registro	
Tema principal	
Acontecimentos narrados	
Pessoas e lugares mencionados	
Marcas de tempo e memória	
Palavras/expressões significativas	
Trecho selecionado para citação ou retextualização	
Elementos de identidade e pertencimento	
Questões que precisam ser checadas ou contextualizadas	
Autorização para uso: Sim ( ) Não ( ) / Restrições:	

13 OFICINA DE RETEXTUALIZAÇÃO

A retextualização será trabalhada como transformação responsável de um texto oral em texto escrito, sem apagar a voz do narrador. O objetivo não é 'corrigir' a fala, mas adequar o registro ao gênero de circulação, preservando conteúdo, sentidos, identidade e autoria.

- 1. Ouvir o trecho integral antes de escrever.
- 2. Fazer transcrição inicial, registrando o conteúdo com fidelidade.
- 3. Identificar repetições, pausas e marcas próprias da oralidade.

- 4. Definir o gênero final: relato, perfil, legenda, roteiro de podcast ou outro.
- 5. Reorganizar informações apenas quando necessário para clareza e progressão temática.
- 6. Manter palavras e expressões culturalmente significativas, explicando-as quando necessário.
- 7. Conferir o texto com o áudio e, quando possível, com a pessoa entrevistada.
- 8. Registrar créditos, data e condições de autorização.

14 ORIENTAÇÕES ÉTICAS E DE PUBLICAÇÃO

- Solicitar autorização antes de gravar voz, fotografar ou filmar.
- Explicar claramente a finalidade educativa e a possibilidade de publicação no Museu Virtual.
- Respeitar pedidos de anonimato, restrição ou retirada de conteúdo.
- Não editar falas de modo a alterar sentidos ou expor a pessoa ao ridículo.
- Não transformar memórias em 'curiosidades' descontextualizadas ou folclorizadas.
- Registrar autoria, créditos, fonte e data sempre que possível.
- Submeter o material final à revisão do professor e, quando pertinente, à validação comunitária.
- Evitar divulgação de informações pessoais, íntimas ou sensíveis sem necessidade e autorização explícita.

15 CRONOGRAMA

Atividade	**Encontro 1**	**Encontro 2**	**Encontro 3**	**Encontro 4**	**Encontro 5**	**Encontro 6**
Acolhida e escuta de memórias	X					
Oficina de gêneros	X	X				
Perguntas e escuta		X				
Encontro/ entrevista			X			
Transcrição e retextualização			X	X		
Produção autoral				X	X	
Curadoria, devolutiva e publicação					X	X

16 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DA PROPOSTA

A avaliação será diagnóstica, formativa e processual. Serão considerados a qualidade da escuta, o planejamento das perguntas, a interpretação das narrativas, a adequação ao gênero, a progressão temática, a revisão linguística, a postura ética, o trabalho coletivo e a capacidade de produzir materiais adequados à circulação pública.

Critério	**Evidências esperadas**	**Instrumentos**
Escuta e oralidade	Participa com respeito, formula perguntas pertinentes e compreende o contexto da fala.	Observação, roteiro e autoavaliação.
Leitura e análise	Identifica tema, ponto de vista, temporalidade, autoria e sentidos do texto.	Fichas de análise e debate.
Retextualização	Transforma o registro oral em texto escrito preservando sentidos e autoria.	Transcrição, versão retextualizada e comparação.
Produção textual	Produz texto coerente, coeso e adequado ao gênero e ao público.	Perfil, relato, roteiro ou legenda.
Multiletramentos	Integra texto, voz, imagem e créditos de forma funcional.	Podcast, galeria ou publicação digital.
Ética e autoria	Respeita consentimento, créditos, validação e limites de publicação.	Termos, checklist e devolutiva.

17 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto final será a galeria digital “Vozes do Quilombo”, destinada ao Museu Virtual Aquilombando Saberes. A galeria poderá reunir perfis biográficos, relatos de memória, podcasts curtos, fotografias legendadas, mapas de palavras e textos autorais produzidos pelos estudantes a partir de materiais autorizados.

Cada item deverá apresentar título, autoria estudantil, identificação e crédito do participante conforme autorização, data, contextualização, fonte e indicação de que o material integra uma produção educativa. A publicação dependerá de revisão, checagem e validação.

18 RESULTADOS ESPERADOS

- Ampliação das competências de escuta, leitura, oralidade, escrita e revisão.
- Reconhecimento da oralidade como patrimônio e forma de produção de conhecimento.
- Valorização das narrativas de mulheres quilombolas, Mestres Griôs e outros sujeitos locais.
- Desenvolvimento da autoria estudantil e do letramento crítico e digital.
- Compreensão das diferenças entre fala, transcrição, retextualização e edição.
- Fortalecimento da identidade, do pertencimento e da educação antirracista.
- Produção de materiais éticos, contextualizados e adequados à circulação no Museu Virtual.

19 REFERÊNCIAS BÁSICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996 e inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África I. Brasília: UNESCO.

PINHEIRO, Sandra Cristina Queiroz. Entre saberes e fazeres: memórias e experiências de mulheres quilombolas de Lagoa Grande - Feira de Santana - BA (1970-2000). 2024. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2024. Orientadora: Edinelia Maria Oliveira Souza.

SANTIAGO, Klênia Marla dos Santos. Museu Virtual Interativo e Colaborativo - Saberes da Comunidade Quilombola Lagoa Grande, Feira de Santana, BA. Dissertação de Mestrado Profissional, PROFCIAMB/UEFS, 2026.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.